

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

O Setor Siderúrgico Brasileiro: 10 Anos de Privatização

Marcelo Iglesias Salinas
No. De matrícula 9615611

Orientador: Jose Henrique Tinoco

Junho de 2003

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

O Setor Siderúrgico Brasileiro: 10 Anos de Privatização

Marcelo Iglesias Salinas
No. De matrícula 9615611

Orientador: Jose Henrique Tinoco

Junho de 2003

“Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realiza-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor”

“As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor”

Índice

Introdução	4
Capítulo 1- A Siderurgia no Brasil e no Mundo: A tendência às Privatizações	6
1.1- O setor siderúrgico	6
1.2- Os estágios da siderurgia brasileira e mundial	8
1.3- A situação das empresas siderúrgicas brasileiras após as privatizações	14
Capítulo 2 – A Siderurgia Brasileira na Década de 90	16
2.1- Os blocos da siderurgia brasileira	16
2.2- Consumo aparente de produtos de aço	18
2.3- Importações	18
2.4- Exportações	19
2.5- Produção	20
2.5.1- Produção de laminados	21
2.5.2- Produção de semi-acabados	22
2.6- Balança do comércio exterior de produtos siderúrgicos	22
2.7- A posição do Brasil na produção mundial de aço	23
Capítulo 3 – O Desempenho da Usiminas em 10 anos de Privatização	26
3.1- Informações gerais	26
3.2- Forma de produção da Usiminas	29
3.3- Como foi feito o cálculo do valor econômico e do preço mínimo	31
3.4- A comercialização dos seus produtos	33
3.5- Mercados	36
3.5.1- Mercado interno	36
3.5.2- Mercado externo	39
3.6- Resultados da privatização da Usiminas	42
3.7- O mercado de laminados planos	42
3.8- Perspectiva para o mercado de aço	46
Conclusão	50
Bibliografia	52

Introdução

O setor siderúrgico além de ter o seu desempenho correlacionado ao desempenho de outros setores da economia é também um setor de extrema importância para a economia de um país porque ocupa uma posição intermediária. No início da década de 90 o setor siderúrgico brasileiro passou por um processo de reestruturação que teve início com a privatização do setor. O setor era controlado pelo governo e pelo grupo Gerdau antes da privatização e a privatização do setor pode ser considerada como de muito sucesso porque possibilitou a utilização de estratégias comerciais mais agressivas para que o setor pudesse conquistar seu espaço em um cenário internacionalmente muito competitivo. A privatização não somente proporcionou ganhos para o setor como também trouxe ganhos para o Governo, empregados e para as comunidades. As empresas passaram a ter uma visão mais ampla e com isso ocorreu a formação de parcerias com clientes, a aquisição de distribuidoras de aço e até mesmo a formação de canais de distribuição fora do país. As empresas tiveram suas gestões reorganizadas pelos novos controladores diante da forte competição internacional. É importante observar que além da privatização ocorreu uma liberalização dos preços dos produtos siderúrgicos. As empresas privatizadas obtiveram resultados ótimos no que diz respeito aos indicadores de resultados patrimoniais como, por exemplo, a Usiminas que dobrou o seu lucro líquido em 1992/93. Visando aumentar a competitividade o número de empregados se reduziu, porém, ocorreram ganhos em produtividade. Programas de modernização e o controle de estoques conquistados através da autonomia gerencial possibilitaram a redução de custos.

O trabalho aborda no primeiro capítulo uma visão geral do setor siderúrgico e também a evolução da siderurgia brasileira e mundial mostrando que a tendência às privatizações ocorreu não somente no Brasil. Ainda nesse capítulo serão apontados os problemas da siderurgia brasileira antes da privatização e suas melhorias após o processo.

No capítulo 2 serão mostrados o desempenho da siderurgia brasileira ao longo da década de 90 assim como os blocos operacionais da produção nacional. Alguns dos

indicadores do desempenho serão o consumo aparente de aço, a evolução das importações e exportações, e a balança comercial de produtos siderúrgicos. Para finalizar o capítulo 2 subdividiremos a produção nacional por tipo de produto(planos , longos e semi-acabados) e também veremos a posição brasileira quanto a produção siderúrgica em comparação com outros países.

No capítulo 3 iremos caracterizar a empresa Usiminas ao longo dos seus 10 anos de privatização. Faremos um breve histórico da empresa, analisaremos a forma de sua produção e sua participação no mercado interno e externo. Mostraremos como se obteve o valor econômico e o preço mínimo para a privatização, além dos resultados desse processo. Por ser uma empresa voltada para o atendimento do mercado interno de produtos planos mostraremos o mercado de produtos planos tanto a nível de produção por tipo de produto, consumo aparente, mercado consumidor quanto a nível de expectativas para os próximos anos.

Por fim concluiremos o trabalho mostrando o cenário econômico brasileiro no ano de 2003 e como este poderia afetar o setor siderúrgico quanto ao consumo interno e suas exportações.

Capítulo 1

A Siderurgia no Brasil e no Mundo: A Tendência às Privatizações

1.1-O Setor Siderúrgico

Uma Visão Geral:

O setor siderúrgico é um setor que tem como característica exigir grandes investimentos de longo prazo pelo fato de a maioria dos equipamentos serem de capital sob encomenda e também por levar tempo (até mesmo alguns anos) entre o período de instalação e o de efetiva operação. É uma indústria de capital intensivo. A indústria siderúrgica tem o seu ciclo muito correlacionado com o das indústrias consumidoras de produtos siderúrgicos, destacando-se os setores automobilísticos, de construção civil, implementos agrícolas, utilidades domésticas, indústria naval e de infra-estrutura.

Características Técnicas:

O aço pode ser produzido pelos seguintes processos:

Conversores a Oxigênio – utiliza o ferro gusa líquido e oxigênio puro soprado sobre o metal para produzir o aço.

Forno Elétrico – utiliza sucatas e rebarbas, reduzindo o desgaste do meio ambiente.

Outros – tecnologias em desenvolvimento proporcionarão à indústria novos tipos de aciarias, como o Hismelt e o Corex.

Com relação à integração as empresas podem ser:

Usinas Semi-integradas: Utilizam matéria-prima já processada produzindo aço a partir de sucatas e de ferro gusa ou ferro esponja. Sua principal rota tecnológica é das chamadas *mini-mills*, operadas pelas aciarias elétricas.

Usinas Integradas: Operam todas as fases do processo produtivo, desde a redução do minério de ferro (através do carvão mineral/vegetal ou gás natural) até o refino e a laminação. Estas podem ser subdivididas em três grupos: integradas a coque, usinas integradas a carvão vegetal e usinas integradas com redução direta. As usinas integradas operam a rota tecnológica do alto-forno/conversor LD.

Nova Classificação de Empresas:

A partir da década de 80 passaram a classificar as empresas siderúrgicas da seguinte forma:

1. Grandes Usinas – possuem grande capacidade de produção (acima de 2,0 milhões t/a). São plantas integradas e possuem geralmente todas as unidades-padrão: coqueria, sinterização, alto-forno, aciaria e conversores, lingotamento contínuo, laminação e linhas de acabamento.
2. Miniusinas – seu processo produtivo tem a sucata como matéria-prima básica e possuem três fases de produção: forno elétrico, lingotamento contínuo e laminação.

As usinas ainda podem ser agrupadas em três subsetores:

Aços Planos Comuns: placas, produtos não revestidos e produtos revestidos;

Aços Especiais: inox, siliciosos e outros aços ligados;

Aços Longos: lingotes, blocos e tarugos, vergalhões, fio-máquina, perfis, trilhos e acessórios, tubos sem costura e trefilados.

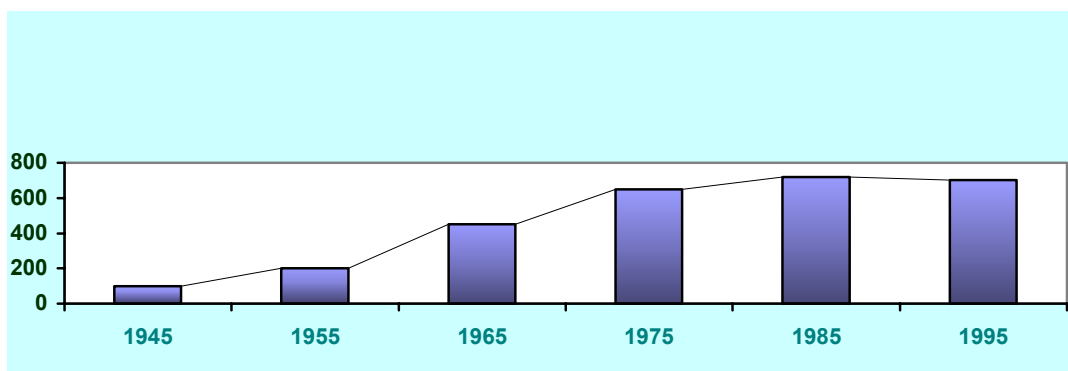
Os aços planos derivam do processo de laminação, então, possuem largura extremamente maior que a sua espessura (como uma lâmina) e os aços longos apresentam comprimento maior que a sua secção transversal.

A diferença entre os aços comuns e especiais é que se exige um processamento mais refinado com adições de elementos de liga como níquel, cromo, nióbio, vanádio, tungstênio, molibdênio, cobalto, entre outros. O uso de elementos mais nobres proporciona aos aços especiais características como alta dureza, resistência a altas temperaturas e proteção contra oxidação e corrosão. Por esse motivo tem o preço muito superior ao de outros tipos de aço.

1.2-Os Estágios da Siderurgia Brasileira e Mundial

Para compreendermos o setor siderúrgico tanto a nível mundial quanto a nacional é preciso voltar um pouco no tempo para analisarmos os diferentes estágios de evolução pelos quais passou a siderurgia mundial. Podemos separar essa evolução em 3 distintos períodos. O primeiro seria o período que vai do pós-guerra até a década de 70, quando diversas indústrias, inclusive a siderúrgica, se desenvolveram. Para se ter uma idéia de tamanha expansão da produção e consumo de aço a taxa média anual de crescimento da produção mundial de aço foi de aproximadamente 5% no período de 1945 a 1979.

Evolução da Produção Mundial de Aço (milhões de toneladas)



Fonte: *International Iron and Steel Institute (IISI)*

O desenvolvimento da atividade industrial de algumas economias de países em desenvolvimento foi favorecido pelo período de reconstrução de um mundo arrasado pela guerra. Nesse primeiro estágio a maior parte dos países, inclusive o Brasil, tiveram seu parque siderúrgico desenvolvido pelo Estado e com isso a siderurgia mundial era basicamente estatal. As razões para essa estatização vão além de questões políticas e estavam ligadas à fragilidade do setor privado e ao desenvolvimento de uma industrialização tardia. No caso Brasileiro o papel do Estado estava ligado à redução de uma dependência externa em seu modelo de substituição de importações. Dentre as Estatais siderúrgicas a principal delas era a CSN (companhia siderúrgica nacional), implantada em Volta Redonda no Estado do Rio de Janeiro.

Empresas Siderúrgicas Constituídas pelo Estado Brasileiro

Criação/Fundação	Início de Operação	Empresa
1939	1959	Cia. Siderúrgica do Nordeste(Cosinor)
1941	1946	Cia. Siderúrgica Nacional(CSN)
1942	1942	Cia. Ferro e Aço de Vitória(Cofavi)
n.d	1944	Cia. Siderúrgica de Mogi das Cruzes(Cosim)
1944	1949	Aços Especiais Itabira(Acesita)
1953	1963	Cia. Siderúrgica Paulista(Cosipa)
1956	1962	Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (Usiminas)
1961	1973	Aços Finos Piratini
1963	1973	Usina Siderúrgica da Bahia(Usiba)
1963/65	1985	Aço Minas Gerais(Açominas)
1976	1983	Cia. Siderúrgica de Tubarão(CST)

Fonte: IBS, Empresas Siderúrgicas do Brasil (1991)

Obs: A Aparecida e a Cimental deixaram de ser incluídas por não terem sido instituídas pelo Estado

Na década de 50 iniciou-se a construção da Cosipa e Usiminas e nesse período de crescimento do Parque Industrial Brasileiro a demanda e produção cresceram rapidamente fazendo as importações caírem consideravelmente. Em meados dos anos 60 o Brasil já era o maior produtor de aço da América Latina e logo em seguida, em 1973, foi criada a Siderbrás que constituía uma *holding* Estatal que controlava e coordenava a produção siderúrgica nacional. Na década seguinte os financiamentos externos foram usados pelo governo brasileiro para incrementar a capacidade produtiva e desenvolver melhores tecnologias para o setor.

Em um segundo estágio, na década de 80, a demanda de aço sofreu uma estagnação fortemente influenciada pela desaceleração do crescimento das economias desenvolvidas. Nesse período a hegemonia do aço ficou ameaçada como consequência do aumento do uso de materiais substitutos como o alumínio, plástico e cerâmica. No Brasil, ao longo dos anos 80, observamos uma redução na demanda de aço causada pela crise da dívida externa e isso fez com que as siderúrgicas brasileiras colocassem seus produtos no mercado interno nacional com lucros menores, porém, mantendo a produção. A dificuldade financeira pela qual passava o Estado Brasileiro não permitia que fossem feitos investimentos significantes com o objetivo de modernizar o Parque Industrial Brasileiro e isso afastou o Brasil dos padrões internacionais de qualidade, produtividade e competitividade. De uma maneira geral a participação do Estado foi fundamental para a implantação do setor, porém, este não era capaz de dar continuidade ao ciclo devido à lentidão nas decisões e outras questões políticas que atrasavam o processo e limitavam as empresas diante de um mundo cada vez mais globalizado e exigente. As tecnologias estavam ficando defasadas como resultado de fracos investimentos direcionados à pesquisa tecnológica. A siderurgia estava passando por uma estagnação.

Indicadores da Siderurgia Brasileira - Anos 80

	1980	1982	1984	1986	1988	1990
Produção (milhões de T)	15,3	13,00	18,39	21,23	24,66	20,57
%Produção na América	53,2	48,7	55,3	56,7	58,2	53,8

Latina						
Vendas Internas(milhões de T)	10,7	8,84	9,33	12,52	11,08	8,61
Exportações(milhões de T)	1,50	2,39	6,46	6,14	10,92	9,00
Faturamento(US\$ milhões)	n.d	n.d	6.081	7.069	9.905	10.627
Investimentos(US\$milhões)	2.71	2.224	509	548	496	494
Produtividade(Base 1980)	100	75	118	118	131	122
Número de Empregados(mil)	135,00	127,5	137,9	151,8	151,8	132,7

Fonte: IBS

A siderurgia urgentemente necessitava passar por um processo de reestruturação para acompanhar as transformações ocorridas no mundo ditadas por uma economia globalizada e competitiva. Alguns motivos pelos quais a siderurgia necessitava sofrer uma reestruturação eram:

- A estagnação da demanda nas economias desenvolvidas;
- O crescimento da aplicação de materiais substitutos;
- A necessidade de privatização;
- O acirramento da concorrência com a globalização;
- A conseqüente queda de preços e rentabilidade pelo excesso de capacidade.

A siderurgia Brasileira estava vulnerável diante da abertura econômica e suas principais características no período em que antecedeu as privatizações eram:

- Grande endividamento do setor;
- Parque industrial defasado;
- Baixos investimentos;
- Limitações comerciais;
- Pouca liberdade para planejamentos e estratégias;
- Despreocupação ambiental.

Os interesses políticos também faziam com que se perdesse o foco comercial e com isso os ganhos de produtividade e desenvolvimento.

No terceiro estágio que começou em 1988 e que ainda se configura está caracterizado por uma grande reestruturação da siderurgia a nível mundial tendo como ponto principal a privatização. Esse processo, estimulado também pela abertura e globalização dos mercados, se estende por toda a década de 90 e vem contribuindo para a internacionalização da indústria. Fazendo uma comparação do grau de controle pelo Estado do setor siderúrgico temos que em 1990 o Estado possuía 60% da participação sobre a produção mundial de aço e já 1994 essa percentagem caiu para 40% e hoje em dia é de apenas 20%. A privatização sem dúvida fez com que o setor siderúrgico mundial buscase cada vez mais melhores níveis de produtividade, tecnologia e escala, visto que a competição na indústria acentuou-se bastante. De um modo geral as siderúrgicas privatizadas ganharam em agilidade, passaram a ser mais orientadas para o cliente e o outro fator relevante foi que receberam investimentos direcionados à pesquisa e desenvolvimento.

No Brasil a siderurgia sofreu enormes transformações ao longo da década de 90 em função das próprias mudanças na economia mundial. O processo pode ser dividido em duas fases. Em uma primeira etapa tivemos privatizações de menor porte com início em 1988 através do Plano de Saneamento do Sistema Siderbrás, quando ocorreram as seguintes privatizações: Cosim(setembro de 1988), Cimental(novembro de 1989), Cofavi(Julho de 1989 e da Usiba(outubro de 1989). Estas eram basicamente produtores de aços longos e foram adquiridas pelos grupos Gerdau e Villares. Uma segunda etapa ocorreu no período entre 1991/1993 quando todas as siderúrgicas restantes foram privatizadas durante o Programa Nacional de Desestatização (PND).

A reestruturação no caso Brasileiro constituiu-se também por fusões, incorporações e internacionalização de empresas objetivando o amadurecimento do setor. As privatizações proporcionaram elevados ganhos para a siderurgia tanto no que diz respeito à rentabilidade, redução de custos e produtividade, quanto à liberdade das empresas que antes

sofriam com interferências políticas e restrições administrativas, comerciais e financeiras. Outra grande vantagem foi a possibilidade de investimentos, até mesmo com o apoio do BNDES, buscando diminuir a defasagem tecnológica.

Juntamente com o processo de privatização houve uma liberalização do setor onde alíquotas de importação de produtos siderúrgicos e as barreiras tarifárias foram reduzidas, assim como o controle de preços exercido pelo governo.

Diferentemente de antes das privatizações no setor, quando era formado por um grande número de empresas, o setor é formado por 11 empresas. Vale lembrar que os Bancos tiveram um papel muito importante e de expressivos lucros no processo de privatizações no Brasil. Porém, a necessidade de altos investimentos com retornos não imediatos tem afastado os bancos do setor. Os Bancos Bozzano e Unibanco eram dois destes Bancos.

Empresas Siderúrgicas Privatizadas no Brasil

Empresas	Data do Leilão	Receita de Venda	Dívida Transferida	Resultado Geral	Principais Compradores
Usiminas	24/10/1991	1.941,2	369,1	2.310,3	Bozano
Cosinor	14/11/1991	15,0	-	15,0	Gerdau
Piratini	14/02/1992	106,7	2,4	109,1	Gerdau
CST	16/07/1992	353,6	483,6	837,2	Bozano,CVRD e Unibanco
Acesita	22/10/1992	465,4	232,2	697,6	Previ, Sistel e Safra
CSN	02/04/1993	1.495,3	532,9	2.028,2	Bamerindus, Vicunha,Docenave,Bradesco, Itaú
Cosipa	20/08/1993	585,7	884,2	1.469,9	Anquila e Brastubo
Açominas	10/09/1993	598,6	121,9	720,5	Cia. Min.Part.Industrial
Total	-	5.561,5	2.626,3	8.187,8	-

Fonte: BNDES

1.3-A situação das empresas siderúrgicas brasileiras após as privatizações

A siderurgia brasileira após as privatizações finalmente abandonou o enfoque de substituição de importações onde as empresas eram não concorrentes entre si. Esse cenário com ausência de competição acabara por prejudicar os consumidores com relação ao nível de preços e à qualidade, então, a liberalização do setor foi o cenário que deu início a outros inúmeros ganhos decorrentes da privatização:

- Início de nova etapa de desenvolvimento;
- Melhoria de performance nas áreas administrativas, financeiras e tecnológicas;
- Profissionalização das administrações;
- Reorientação das gestões para obtenção de resultados;
- Fortalecimento das empresas como grupos empresariais (compatíveis com a abertura econômica);
- Participação em novos investimentos no exterior e em parcerias com clientes;
- Redução de custos e elevação da produtividade;
- Acesso ao mercado de capitais;
- Investimentos em tecnologia, no meio ambiente, em logística e em infraestrutura;
- Autonomia para planejamento, estratégias comerciais mais agressivas;
- Melhoria dos resultados.

A saúde financeira das empresas privatizadas também foi beneficiada com a entrada de novos sócios e com o prolongamento do perfil de endividamento. Somando-se a isto teve início em 1994 o Programa de Modernização da siderurgia Brasileira que destinaria um montante de R\$ 10,4 bilhões no período entre 1994 e 2000.

A Tabela abaixo mostra o resultado financeiro de empresas privatizadas onde se percebem melhorias significativas.

Indicadores das Empresas Siderúrgicas Privatizadas – 1992/95

Empresas	Ano	Faturamento (US\$ Milhões)	Lucro Líquido (US\$ Milhões)	Patrimônio Líquido (US\$Milhões)
Acesita	1992	397	(100)	428
	1995	678	32	1.064
Açominas	1992	394	38	2.567
	1995	678	35	2.244
Cosipa	1992	863	(297)	793
	1995	1.222	74	2.059
CSN	1992	1.516	125	4.136
	1995	2.206	110	5.905
CST	1992	546	(149)	1.972
	1995	931	190	3.129
Usiminas	1992	1.256	123	1.395
	1995	4.160	336	2.813

Fonte: Economática, IBS, periódicos, empresas e BNDES

A privatização não só consolidou a indústria nacional em um mercado internacional, mas também vem proporcionando algumas vantagens para a sociedade brasileira, tais como:

- Desenvolvimento social e econômico em torno das usinas com novos componentes da cadeia produtiva
- Elevação da arrecadação tributária
- Incremento da atividade de cunho social, inclusive as resultantes de parcerias com as prefeituras municipais.

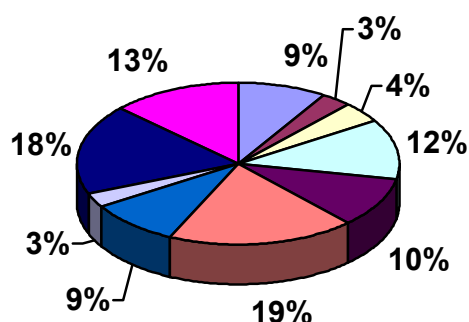
Capítulo 2

A Siderurgia Brasileira na Década de 90

2.1- Os Blocos Operacionais da Siderurgia Brasileira

Após o programa de privatização e a abertura econômica iniciou-se uma reestruturação no setor siderúrgico com o objetivo de aumentar sua capacidade. A estrutura da produção de aço bruto brasileiro pode ser vista pelo seguinte gráfico.

Produção de Aço Bruto no Brasil(2001)



Fonte: BNDES

O Brasil tem atualmente cinco grandes grupos que são responsáveis por aproximadamente 96% da produção. São eles: CSN, Usiminas/Cosipa, Acesita/CST, Belgo mineira/Mendes Júnior e Gerdau/Açominas. Desse modo a produção brasileira está distribuída da seguinte maneira em questão de mercados consumidores:

Blocos Operacionais da Siderurgia Brasileira

Empresas	Produção(milhões deT)	Segmento	Mercados Consumidores
Usiminas Cosipa	7,7	Planos	Automotiva,Linha Branca,Tubos e Estruturas
Gerdau Açominas	5,4	Longos Semi-Acabados	Construção Civil e Infra-Estrutura
Acesita CST Villares	5,1	Planos, Semi-acabados, Longos	Bens Duráveis - Automotiva, Construção Mecânica
CSN	4,8	Planos	Automotiva, Linha Branca e Embalagens
Belgo Mineira/ Mendes Júnior	2,1	Longos	Construção Civil

Fonte: BNDES

Tipo de Usina	Empresas
Usinas Integradas	Açominas, CST, Cosipa, CSN, Usiminas, Acesita, Belgo-Mineira, Gerdau-Pains, Aços Finos Piratini
Usinas Semi-Integradas	Gerdau-Açonorte, Barra Mansa, Mendes jr.- BMP, C.B.Aço, Copala, Dedini, Gerdau-Riograndense, Itaunense, Cofavi, Gerdau-Rio de Janeiro, Aços Villares

Fonte: IBS

Outra característica do setor é que a produção é bastante concentrada tendo dois ou três produtores para cada segmento da produção. A tabela acima pode mostrar essa divisão que contribuiu para uma menor concorrência no mercado interno.

2.2-Consumo Aparente de Produtos de Aço

O consumo aparente de aço teve um crescimento anual médio de 8,1%, sendo que 8,9% no segmento de planos e 7,1% no de longos no período de 1990/97. Paralelamente ao processo de privatização tivemos uma reestruturação da economia e a implantação do Real em 1994 que formaram dessa forma um cenário positivo para que as empresas siderúrgicas expandissem a oferta de aço, inclusive atendendo ao mercado interno crescente nas áreas de construção civil e de infra-estrutura. A melhoria dos preços no mercado interno fez com que a indústria siderúrgica obtivesse em 1994 o seu faturamento máximo da ordem de US\$ 11,6 bilhões. Ainda em 1994 os investimentos destinados ao setor fizeram com que se reduzissem a mão-de-obra no setor (uma tendência mundial), porém, proporcionando ganhos em produtividade. O consumo brasileiro se reduziu nos anos de 1998 e 1999 com o segmento de produtos planos sendo o mais afetado. O consumo de aços longos teve queda e em grande parte devido à redução dos investimentos do setor elétrico, que é um grande consumidor de perfis e barras. Após as reduções no consumo nos anos anteriores o consumo total voltou a crescer tendo o segmento de planos a maior influência nesse aumento.

Consumo Aparente de Produtos Siderúrgicos

	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Prod. Longos	3.930	4.596	5.067	4.784	5.369	6.324	6.299	6.198	6.597	6.984
Prod. Planos	4.931	5.968	6.994	7.210	7.664	9.002	8.184	7.880	9.163	9.710
TOTAL	8.861	10.564	12.061	11.994	13.033	15.326	14.483	14.078	15.760	16.694

Fonte: IBS/MF-SRF

2.3-Importações

As importações brasileiras de produtos siderúrgicos não são expressivas, concentrando-se em produtos mais nobres e de baixo nível de consumo nos segmentos longos e planos. A grande parte dessas importações vem de países europeus, latino-americanos e da América do Norte.

Evolução das Importações Brasileiras

Produto	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Semi-acabado	0,2	0,5	2,5	2,7	20,2	61,6	7,5	2,5	111,8	73,9
Planos	84,1	116,5	68,6	137,9	149,5	309,3	344,4	323,9	486,4	618,8
Longos	67,8	49,5	105,1	95,6	141,8	191,9	329,5	210,6	234,6	283,3
Outros	25,8	27,4	28,5	51,9	66,0	222,2	204,3	105,2	96,9	100,2
TOTAL	177,9	193,9	204,7	288,1	377,5	785,0	885,7	642,2	929,7	1.076,2

Fonte: SECEX/DTIC

Unid.1000

2.4-Exportações

O crescimento do mercado interno levou as empresas a reduzirem o volume exportado no período entre 1994 e 1998. Em 1996 o faturamento do setor sofreu uma redução em consequência da queda dos preços internacionais e em 1997/99 essa situação se agravou em decorrência das crises econômicas que provocaram uma super oferta de aço devido à contração da demanda. Intensificaram ainda a importação de produtos similares levando a indústria a focar o mercado externo novamente, porém, com preços reduzidos. No ano de 1999 a situação das empresas siderúrgicas ainda piorou por causa da variação cambial (desvalorização de Real frente ao dólar) que elevou as suas despesas financeiras vindas de empréstimos contraídos na moeda norte americana. Nesse ano a redução dos preços médios causou uma queda do valor exportado apesar do aumento do volume exportado e em 2000 tivemos uma redução do volume exportado, porém, somando um valor maior devido à melhora dos preços dos produtos, principalmente dos semi-acabados.

Em contrapartida o setor vem melhorando o seu faturamento em consequência de uma melhora do consumo interno, manutenção das exportações e do nível de preços a nível doméstico, inclusive.

Evolução das Exportações Brasileiras

Produto	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Semi-acabados	4.640,2	5.309,3	4.827,2	5.130	5.685	5.523,5	5.426,2	6.379,0	6.213,4	6.364,7
Planos	4.599,3	4.278,4	3.823,9	3.052	3.384	2.504,6	2.420,6	2.416,5	2.107,6	1.494,4
Longos	2.207,9	2.390,4	2.100,0	1.137	917	790,4	636,5	967,8	1.000,2	1.014,5
Outros	339,3	259,2	326,5	336	271	328,7	257,0	253,5	277,7	416,9
TOTAL	11.786,7	12.237,3	11.077,6	9.655	10.257	9.147,2	8.740,3	10.016,8	9.598,9	9.290,5

Fonte: SECEX/DTIC

Unid.1000 t

A siderurgia Brasileira sofreu dois movimentos que foram muito importantes para a sua configuração. Um deles foi o ingresso da francesa Usinor adquirindo 27,68% do capital total da Acesita e com participação de 38,94% sobre o capital votante. A Usinor, em 1998, também adquiriu 49,9% do capital da Mansfield Participações, *holding* detentora de ações da CST pertencentes à Acesita. Essa operação melhorou consideravelmente a competitividade da Acesita e também permitiu seu acesso à tecnologia e à rede de distribuição da Usinor. Por outro lado a Usinor se beneficiou pela conseqüente entrada no mercado brasileiro e latino americano.

Um segundo movimento foi a reestruturação financeira feita pela Cosipa e sua controladora Usiminas em novembro de 1998 tendo com objetivos principais uma redução do endividamento da Cosipa e a oportunidade de a Usiminas utilizar-se dos prejuízos fiscais de sua controlada. Isso fez com que a Cosipa saísse da sua situação de alto endividamento, defasagem tecnológica e elevados custos de produção.

2.5-Produção

Pela tabela abaixo ver a evolução da produção da siderurgia brasileira em cada tipo de segmento:

Indicadores da Siderurgia Brasileira (1000 T)

Produção	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Aço Bruto	23.934	25.207	25.747	25.076	25.237	26.153	25.760	24.996	27.865	26.717
Laminados	15.804	16.493	17.271	16.059	16.683	17.425	16.433	16.793	18.213	18.073
Planos	10.063	10.016	10.653	10.625	11.022	11.267	10.386	10.121	11.213	10.648
Longos	5.741	6.477	6.618	5.434	5.661	6.158	6.047	6.672	7.000	7.425
Semi-acabados para vendas	5.783	6.476	6.221	6.623	6.468	6.724	6.856	7.370	7.584	7.717

Fonte: IBS

A produção brasileira de aço se comportou de maneira estável entre 1993 e 1996. Em 1997 a produção de aço foi favorecida pelo bom desempenho das exportações, principalmente para a Ásia, e também por um aumento no consumo interno de aço, com destaque para a indústria automobilística. No ano seguinte tanto as exportações quanto o consumo interno se reduziram. Já em 1999 o consumo interno se reduziu novamente em relação ao ano anterior, porém, o volume exportado aumentou. Em 2000 com uma melhora no cenário interno a produção voltou a crescer, o mesmo não ocorrendo com as exportações que sofreram com as barreiras protecionistas de importantes países importadores.

2.5.1-Produção de Laminados

A taxa de crescimento médio da produção de laminados no período 1990/97 foi de 2,3% a.a, sendo que os laminados planos longos 0,6% a.a e os planos comuns 3,8%a.a.

Podemos ver que a produção de laminados planos tem forte importância no setor e tem como principais produtores as seguintes empresas: CSN, Usiminas, Acesita e Cosipa.

Por outro lado o segmento de laminados longos tem como destaque as seguintes empresas: Grupo Gerdau, Belgo Mineira e Mendes Júnior; e o de laminados especiais destacam-se Acesita, Villares, Grupo Gerdau e Mannesmann.(atual V&M do Brasil).

No ano de 1997 a produção de laminados foi incentivada pelo aumento na demanda por bens duráveis, principalmente da indústria automobilística.

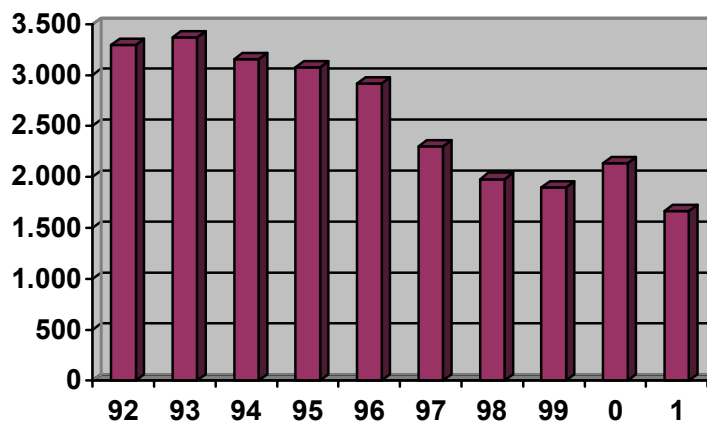
Em 1998 ocorreram quedas na produção de laminados planos comuns e longos especiais devido à contração do mercado interno e das exportações de laminados planos comuns. Usiminas, CSN e Cosipa tiveram reduções significativas. No mesmo ano a produção de laminados longos comuns sofreu impacto positivo do mercado de petróleo, gás, infra-estrutura e construção civil, beneficiando as empresas Gerdau, Belgo –Mineira e Mannesmann. Em 1999 a tendência continua e a produção de aço bruto se reduziu em 3%, porém, a produção de laminados subiu 2,3% e a produção de laminados longos cresceu 10,7% sobre a de 1998. No ano de 2000 o segmento de laminados planos, o mais voltado para o consumo interno, apresentou crescimento de 10,9% e o de longos retomou o crescimento influenciado pelas exportações.

2.5.2-Produção de Semi-acabados

No período de 1990/97 a produção de semi-acabados teve crescimento médio de 4,7% a.a. Representando 60% da produção de semi-acabados, a produção de placas teve crescimento de 9,6% nesse período. Merecem destaque CST e Açominas, que juntas correspondem a 83% da comercialização anual de semi-acabados e por grande parte das exportações desses produtos. As exportações de semi-acabados somavam 82% da produção em 1997.

Em 1999 e 2000 o incremento na produção de semi-acabados de 7,4% se deu devido ao aumento das exportações.

2.6-Balança do Comércio Exterior de Produtos Siderúrgicos (Saldo em 1000000 t)



Fonte: MDCI/SECEX

Pela tabela acima podemos perceber que apesar da produção brasileira de produtos siderúrgicos ao longo da década de 90 ter crescido consideravelmente as exportações não acompanharam esse ritmo de crescimento. Isso reflete o aumento do consumo aparente de produtos do aço por parte do mercado interno. Apesar de exportar produtos siderúrgicos a indústria nacional também tem forte importância para o desenvolvimento de outros setores da indústria nacional como o setor automobilístico e de construção civil.

2.7-A posição do Brasil na produção mundial de aço

É interessante observar que apesar de o Brasil ter encerrado o ano de 2001 como o nono maior produtor mundial de aço bruto nenhuma empresa siderúrgica brasileira está entre as vinte maiores do mundo. No *ranking* dos produtores mundiais a empresa nacional mais bem colocada seria a Gerdau, com a posição de número 32, caso incluam suas atividades fora do país. E caso seja considerado a capacidade conjunta do maior grupo do país no setor, Usiminas e Cosipa ocupariam a posição de número 28. É interessante observar que em 1970 o país ocupava o 19º lugar no *ranking* dos produtores e como a produção não era suficiente para atender o mercado interno o Brasil era um grande importador, ao contrario do ocorreu na década seguinte.

Ranking das Maiores Empresas Siderúrgicas Mundiais(milhões de Toneladas)

Ranking	Empresa	Produção
01	Posco(Coréia)	26,54
02	Nippon Steel(Japão)	24,33
03	Usinor(França)	22,15
04	Corus(Reino Unido)	21,29
28	Usiminas/Cosipa	5,57
32	Grupo Gerdau	5,10
36	CSN	4,85
47	CST	4,41

Fonte: BNDES (1999)

A China continua na liderança e também é interessante perceber que os atentados terroristas em 11 de setembro reduziram a atividade econômica dos EUA e se comparando sua a produção de aço de 2000 com a de 2001 houve uma redução de 10,9%. No Brasil tivemos uma redução de 4,1% no mesmo período e isso se deveu às reformas dos altos fornos de três grandes empresas no segundo semestre de 2001. Açominas, Cosipa e CSN tiveram suas atividades interrompidas por períodos de 30 à 90 dias, fazendo o Brasil perder a oitava posição para a Índia e ocupando assim a nona posição no *ranking*.

Ranking dos Maiores Produtores de Aço Bruto Mundial (milhões de Toneladas)

Países	2000	2001	Variação %
China	126,3	141,4	11,9
Japão	106,4	102,9	-3,4
EUA	100,7	89,7	-10,9
Rússia	57,6	57,5	-0,1
Alemanha	46,4	44,8	-3,4
Coréia do Sul	43,1	43,9	1,7
Ucrânia	31,3	33,1	5,8

Índia	26,9	27,3	1,4
Brasil	27,9	26,7	-4,1

Fonte: IISI/IBS

O setor siderúrgico anda em grande correlação com a atividade econômica e vendo desta maneira o cenário brasileiro no início de 2001 era bem otimista devido a trajetória de queda das taxas de juros, ao cumprimento das metas inflacionárias e à evolução do PIB de 4 à 4,5%. Isso se confirmou com os números das vendas internas de aços planos e longos que só nos primeiros seis meses de 2001 havia subido 12,1% e 13,2 respectivamente se comparando com o mesmo período de 2000.

Porém, o cenário positivo mudou de rumo devido à crise energética do país fazendo com que o governo racionasse o fornecimento de energia para evitar os “apagões”. Isso teve efeito imediato na atividade econômica e no crescimento do PIB que foi de 1,51% e não de 4,5% como era esperado no início de 2001. O segmento mais afetado foi o de aços planos já que está ligado à comercialização de bens de consumo duráveis (automotivo e linha branca).

Capítulo 3

O Desempenho da Usiminas em 10 anos de Privatização

3.1-Informações Gerais

A usina siderúrgica Usiminas está localizada no Estado de Minas Gerais, mais precisamente em Ipatinga. A usina fica próxima ao quadrilátero Ferífero se beneficiando da estrada de Ferro Vitória – Minas, por onde recebe o minério de ferro. A empresa recebe o carvão vindo da Europa e América do Norte pelo Porto de Praia Mole, em Vitória (ES). No que diz respeito ao escoamento de sua produção utiliza o mesmo porto e ferrovia, e quanto à energia elétrica, esta é suprida pela Cemig.

A empresa tem como principais atividades a exploração da indústria, do comércio e da importação e exportação de produtos e subprodutos siderúrgicos assim como de suas matérias-primas. Seus principais produtos são: Placas, chapas grossas, laminados a quente, laminados a frio e não revestidos.

A empresa foi fundada em 25 de Abril de 1956 e no mesmo ano foi assinado um acordo Nipo – Brasileiro *Karikoshilanau* estabelecendo colaboração técnica e financeira, constituindo dessa maneira a primeira “joint venture” feita pela indústria japonesa no ocidente após a Segunda Guerra Mundial.

Devido aos elevados investimentos exigidos os acionistas privados do início da empresa não tiveram condições de arcar com os mesmos e o Estado investiu fortemente oferecendo ainda garantias através do então BNDE, que passou a ser acionista e financiador da Usiminas. Em primeiro de Outubro de 1957 o governo do Estado de Minas Gerais passou a ter participação no capital da empresa e nesse mesmo ano foi criada no Japão a Nippon Usiminas, formada com o objetivo de captar recursos para implantar a Usiminas (seus acionistas eram o Fundo de cooperação do Governo Japonês – 34% do capital – *Nippon Steel corporation* – 14% e 53 outros acionistas minoritários). A construção da siderúrgica começou em 1958 sob o controle estatal e em 25 de Abril de 1991 a empresa

teve seu Estatuto aprovado pela 58ª Assembléia Geral extraordinária após liquidação financeiras de suas ações ordinárias (que dão direito a voto)

A Usiminas tem dependências nos seguintes lugares: Ipatinga(MG), Rio de Janeiro(RJ), São Paulo(SP), Vitória(ES), Tubarão(SC), Prudente de Moraes(MG), Santa Luzia(MG), Tóquio(Japão) Porto Alegre(RS), Recife(PE) e Curitiba(PR).

A composição acionária da Usiminas antes da privatização

Acionistas	ordinárias	Preferenciais	Total
Siderbrás/BNDES	85,28%	85,85%	85,57%
NIPPON Usiminas	13,84%	11,93%	12,88%
Outros	0,88%	2,22%	1,55%

Fonte: IBS

A necessidade da realização de ajustes prévios à privatização fez-se no caso da Usiminas a aquisição do controle acionário da Usimec. Com relação a essa aquisição:

“[...] a comissão Diretora aprovou a aquisição do controle acionário da Usiminas Mecânica, então detido pelo BNDES, pela Usiminas, por julga-la necessária à implantação do seu processo de privatização. A aquisição do controle permitiu à Usiminas se apropriar da Sinergia Técnico – Operacional de uma empresa que se localiza em área contínua a seu parque produtivo, possibilitando ampliações de produtos ofertados”.¹

A Usimec foi transferida para a Usiminas em 17 de Maio de 1991, que adquiriu 99,9% do capital total e o preço de venda foi usado para adquirir ações do aumento do capital da Usiminas por parte do BNDES.

Em 1998 foi aprovada a reestruturação societária financeira, patrimonial e operacional da Cosipa quando se determinaram as seguintes ações a serem tomadas:

1- Análise do Processo de Privatização Brasileiro com ênfase no Setor Siderúrgico, Ana Christina Braga, 1994.

- Constituição de uma nova companhia siderúrgica através da Cosipa, com mesma sede e razão social;
- Transferência para essa nova empresa as instalações de Cubatão e de suas atividades;
- A Usiminas assume a dívida da Cosipa (R\$ 1.115,8 milhões);
- Emissão de debêntures conversíveis em ações por parte da Cosipa a serem subscritas pelos acionistas da Cosipa em janeiro de 1999.

O capital social da Usiminas, totalmente subscrito e integralizado, está distribuído em 2.231.092.736 ações ordinárias e preferenciais, sem valor nominal, distribuída da seguinte forma:

Acionista	% do Total
CVRD	7,7
PREVI	8,1
Nippon	9,5
Clube de investimento Usiminas	5,0
Camargo Corrêa	3,7
Outros	66,0

Fonte: IBS

Com a privatização a Usiminas passou a atuar em outros empreendimentos e a ter um grupo formado por nove empresas controladas e coligadas(Cosipa, Fasal, Usimec, Siderar, Usipex, Cònsul, Overseas, Fundação Francisco Xavier).

Sua participação em algumas de suas coligadas e controladas são:

1. Cia Siderúrgica Paulista- Cosipa (24,95 %);
2. Usiminas Mecânica S.A (99,98 %);
3. Usiminas Overseas Ltd. (100 %);

4. Usimpex-Usiminas Imp. E Exp. S.A (100 %).

3.2-Forma de Produção da Usiminas

A Usiminas é considerada uma usina siderúrgica integrada, isto é, atua desde o beneficiamento ao minério de ferro e do carvão até a transformação em aços laminados. Os principais produtos da Usiminas podem ser divididos nos seguintes grupos:

- Aço Laminado a quente na forma de bobina e chapa: usados em implementos agrícolas, indústria automobilística, indústria naval, vasos de pressão e tubos. São ainda usados na estrutura de prédios, pontes e trilhos e aproximadamente metade da produção de laminados a quente é relaminada para a produção de laminados a frio;
- Aço laminado a frio na forma de bobina, chapa e folha: usados na indústria automobilística, embalagens metálicas, eletrodomésticos, indústria elétrica e estamparias. Parte da produção de laminados a frio é usada para a produção de produtos revestidos;
- Chapas grossas: usadas na construção naval, caldeiras e vasos de pressão, oleodutos, plataformas marítimas e estruturas nucleares;
- Placas: são produtos semi-acabados de aço e a Usiminas utiliza-os na fabricação de seus produtos acabados. São processadas na produção de bobinas, chapas finas e chapas grossas. A Usiminas as produz em excesso para fins de revenda à terceiros;
- Produtos revestidos eletrogalvanizados: A partir de 1993, com o objetivo de se voltar para produtos com maior valor agregado, a Usiminas inaugurou uma nova linha de galvanização eletrolítica com tecnologia de ponta. As

chapas e bobinas eletrogalvanizadas são utilizadas na indústria automotiva, de eletrodoméstico e de móveis.

Quanto aos produtos produzidos nos centros de serviços tem-se:

- *Blanks*: são chapas, laminadas a quente ou a frio, chapas eletrogalvanizadas ou bobinas cortadas em formatos especiais para satisfazer as necessidades individuais de cada consumidor. São usados principalmente na fabricação de auto peças e ainda, de botijões, rodas, cilindros, peças para tratores e embarcações;
- Produtos estampados: são chapas e bobinas laminadas a frio e eletrogalvanizadas cortadas e estampadas em formatos especiais;
- Outros: Usiminas ainda fabrica em seus centros de serviços cantoneiras e barras catódicas. Vende também placas que são usadas para se produzir barras “T”, vigas e cantoneiras.

O espaço físico da usina traduz um índice de produtividade a nível internacional e sua capacidade de produção pode ser obtida a partir da produção própria dos principais insumos básicos na fabricação de aço (coque, sinter e placa).

A Usiminas é uma empresa que sempre buscou uma atualização tecnológica com o objetivo de enobrecer seus produtos e acima de tudo garantir uma melhor qualidade e maior capacidade produtiva em seus produtos. Alguns dos investimentos feitos antes mesmo de sua privatização foram realizados nas seguintes áreas:

- Linha de galvanização eletrolítica para 350.000 t/ano;
- Sistema de injeção de finos de carvão nos altos fornos;
- Ampliação e modernização da laminação de tiras a frio, mais 311.000 t/ano;
- Resfriamento forçado da laminação de chapas grossas.

Foram feitos também investimentos visando a proteção ambiental e vale a pena lembrar que a Usiminas possui um centro de pesquisa próprio que é formado por profissionais formados e treinados nos EUA, Europa e Japão. Esse centro foi criado em 1971 e tem como objetivo a busca de conhecimentos relacionados ao processo de produção do aço, a melhoria dos processos e produtos, a avaliação de novas tecnologias e novas oportunidades para a Usiminas, além da redução de custos.

3.3-Como foi feito o cálculo do valor econômico e do preço mínimo

“A Usiminas foi avaliada utilizando-se as projeções econômico-financeiras elaboradas com base em cenário econômico desenvolvido pelos consultores independentes contratados área os serviços A e B. Estas projeções financeiras partiram de demonstrativo especial de 30 de Novembro de 1990. Auditado pela Arthur Andersen Auditores Independentes s/c Ltda.” (Edital de desestatização – Usiminas – 1990)

As variáveis observadas dentro do cenário foram as seguintes:

- O preço de venda no mercado externo;
- O preço de venda no mercado interno;
- A taxa de câmbio real da moeda corrente da época, o cruzeiro;
- O preço dos itens de formação do custo de produção, o preço do minério de ferro, do carvão mineral importado da energia elétrica, de outros insumos e dos salários;
- Custo de mão – de -obra;
- Alíquota da importação dos laminados, custo do Porto de Praia Mole, custo médio dos portos brasileiros, fretes marítimos e terrestres.

Devido ao ciclo produtivo da usina as projeções também levaram em consideração a reforma dos altos fornos e dos principais equipamentos. Consideraram também a situação da produção, investimentos em andamento ou em projetos. Os investimentos considerados foram:

- Galvanização eletrônica(julho de 1993);
- Injeção de finos de carvão nos altos fornos (1993);
- Reforma e complementação do laminado de tiras a frio(1994) ;
- Instalação de chapas grossas e da linha da unidade de conservação de calor do laminador de tiras a quente.

Quanto às exportações projetaram uma redução ao longo da década de 90 de 50% para 20% da produção.

“O valor do fluxo de caixa é a metodologia universalmente adotada nas transações que envolvem venda de ações, representativas do controle acionário. Associa-se ao fluxo de resultados gerados pelas operações do empreendimento uma taxa de risco, associada ao tipo de atividade econômica desenvolvida pela empresa” (Edital de Desestatização de Usiminas – 1990).

No caso da Usiminas a taxa de risco foi de 14%, valor usado internacionalmente em transações do setor siderúrgico, e o valor econômico foi estimado em US\$ 1,770 milhões. Para se chegar ao preço mínimo utilizou-se o critério do seu valor econômico, valor do patrimônio líquido contábil, patrimônio líquido real a valores de mercado e de liquidação dos ativos da empresa.

O patrimônio líquido contábil se baseia nas expectativas futuras para os resultados da empresa resultante da soma dos bens e direitos a receber e descontando os valores a pagar que totaliza US\$ 396 milhões. O patrimônio líquido real valoriza os bens e direitos a receber em valores de mercado e na data das avaliações o patrimônio líquido real da Usiminas chegava a US\$ 1,907 milhões. E o valor de liquidação seria o valor da empresa caso ocorresse uma interrupção de suas atividades produtivas e a conseqüente venda imediata de seus bens, demissão dos empregados com seus respectivos custos e o pagamento de todas as dívidas. Esse valor em 30 de Novembro de 1990 era de US\$ 1,070 milhões.

Analisando esses valores os consultores chegaram ao valor de US\$ 1,800 milhões para o total de ações da Usiminas em 31 de maio de 1991, porém, como foram colocadas à venda 85,566 % do capital social o preço foi de US\$ 1,578 milhões.

3.4-A Comercialização dos seus Produtos

O mercado de aço tanto a nível nacional quanto a nível internacional é extremamente competitivo, então, preço, qualidade e serviço se tornam fatores de grande importância. A Usiminas é uma empresa que considera como fatores importantes na manutenção de seus clientes a qualidade de seus produtos, a pontualidade nas entregas e o serviço prestado nos centros de serviço e de distribuição. A Usiminas apresenta algumas vantagens com relação a seus concorrentes como, por exemplo, a possibilidade de aquisição de matérias-primas abundantes e de alta qualidade e o fato de ser uma produtora de baixo custo devido às melhorias implementadas em sua fábrica. Em 1998 atingiu 100% de produção por lingotamento contínuo. A empresa produz uma linha completa de produtos planos e no final do ano de 2000 expandiu sua linha de produtos com a nova linha de galvanização por imersão a quente, que permitirá a Usiminas se ingressar ainda mais no mercado de aços revestidos, antes monopólio da CSN. A Usiminas conta com um centro de pesquisa e desenvolvimento em aço que é o maior da América Latina além de receber suporte técnico no desenvolvimento de novas tecnologias da *Nippon Steel Corporation*, a maior siderúrgica do mundo.

A Usiminas sempre valorizou muito a relação da empresa com cada tipo de cliente e procura fornecer um atendimento personalizado que transmita confiança e crie fidelidade. Uma tendência do setor siderúrgico é a formação de parcerias onde os clientes terceirizam etapas do seu processo produtivo para fornecedores confiáveis. A Usifast é uma empresa responsável pela logística de transporte que atua como um entreposto para o mercado interno e ainda opera uma estação aduaneira que agiliza as importações e exportações, reduzindo custos para as empresas usuárias. No galpão da Usifast possui o Usicort, um centro de serviço dedicado ao corte de Blanks e Platinas muito próximo à fábrica da Fiat em Betim com capacidade para cortar mais de 300 mil toneladas por ano. A Usiminas

mecânica vem fornecendo peças estampadas diariamente à Fiat Automóveis expandindo cada vez mais as possibilidades de negócios.

A Usiminas procura ofertar seus produtos tanto no mercado interno quanto no externo, porém, o atendimento ao mercado interno no segmento de laminados planos tem prioridade. No mercado interno a Usiminas comercializa seus produtos através de escritórios localizados em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Recife. Com relação ao mercado externo a empresa utiliza o sistema de “Canais de Exportação”, concentrado em uma ou mais “tradings”.

A empresa melhorou seu “mix” ao longo do tempo com o aumento da oferta de produtos de maior valor agregado refletindo em incremento na rentabilidade, destacando-se o crescimento nas vendas de produtos beneficiados. A Usiminas vem mantendo uma ótima performance nos setores automobilístico, de eletrodoméstico e de tubos de grande diâmetro e ainda ampliando sua atuação no setor de construção civil, um segmento com mercado crescente. A Usiminas lançou a Usicivil no segmento da construção civil com o objetivo de atender a pequenos clientes de baixa renda. A Usiminas Mecânica está fabricando estruturas e painéis metálicos para a indústria e o comércio em parceria com a *Butler Manufacturing*, - líder mundial em sistemas de construção metálica pré-concebidos.

A produção de Laminados Planos vem se distribuindo da seguinte maneira entre as principais empresas nacionais ao longo da década de 90.

Produção Brasileira de Laminados Planos por Empresa

Empresas	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Usiminas	3.308	3.178	3.513	3.596	3.696	3.771	3.396	3.084	3.816	3.901
Cosipa	2.593	2.463	2.723	2.654	2.796	2.582	2.424	2.320	2.475	2.436
CSN	3.722	3.894	3.981	3.984	4.159	4.530	4.146	4.197	4.375	3.754
TOTAL	9.623	9.535	10.217	10.234	10.651	10.883	9.966	9.601	10.666	10.091

Fonte: IBS

Vendas de Laminados Planos e produtos beneficiados entre 1993 – 2002(toneladas mil) - Usiminas

Discriminação	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Mercado Interno	2010	2459	2445	2628	3.051	2.733	2.525	3.089	3.270	3.283
Chapas grossas	304	450	442	417	614	521	388	546	777	722
Laminados a quente	663	875	892	956	1.001	1.006	987	1.174	1.090	1.107
Laminados a frio	1036	1073	988	1040	953	770	736	750	702	694
Galvanizados	3	51	113	198	283	229	196	225	182	425
Placas e aparas	4	10	10	17	15	13	10	94	42	43
Produtos beneficiados(1)	-	-		-	185	194	208	300	312	292
Mercado Externo	1623	1317	1197	927	571	555	771	603	833	899
Chapas grossas	482	385	380	394	230	176	190	167	151	159
Laminados a quente	431	489	370	371	237	213	234	227	211	206
Laminados a frio	120	115	164	122	47	71	172	135	146	114
Galvanizados	-	14	93	32	-	8	26	25	9	66
Placas e aparas	590	314	190	8	-	-	100	23	280	276
Produtos beneficiados(1)	-	-	-	-	57	88	49	26	36	78
TOTAL	3633	3776	3642	3555	3.622	3.289	3.296	3.692	4.102	4.182

Fonte: IBS/SECEX

(1) Peças cortadas ou estampadas em centros de serviços próprios ou de terceiros

Com o objetivo de estar presente em todos os segmentos do mercado a Usiminas tem participação acionária em dois dos mais importantes distribuidores do país – Rio Negro e Fasal – que fornecem serviços e produtos para clientes com menor volume de demanda.

Em 2000 foi implantado o Usicentro em Taubaté – SP. É uma unidade que distribui para São Paulo os produtos laminados produzidos na Usina Intendente Câmara em Ipatinga – MG e que ainda produz “blanks” e platinas para indústria automobilística, de autopeças e utilidades domésticas sem contar a linha de produção de perfis eletrossoldados para a construção civil.

O Usicentro comporta as seguintes unidades:

- a) Um centro de distribuição com capacidade de estocar 18 mil toneladas/mês de chapas e bobinas e de distribuir 30 mil toneladas/mês;
- b) Um centro de serviços que oferece “blanks” cortados em diversos tamanhos e formatos com capacidade de produzir 150 mil toneladas/ano de “blanks” e platinas. Esse centro é operado pela Rio Negro - empresa do sistema Usiminas;
- c) O Usilight, da Usiminas Mecânica – empresa do sistema Usiminas. Esse centro oferece ao setor de construção civil um perfil eletrossoldado com tecnologia inédita no Brasil. É um produto fabricado através de um processo de eletrofusão à alta frequência que resulta em um produto mais leve, com dimensões e comprimentos variados e com grande resistência estrutural. Apresenta grande competitividade no mercado.

Ainda podemos citar outros centros de serviço, de estocagem e de distribuição como as unidades de Capitão Eduardo, Imbiruçu, Tesp em São Paulo e Usial no Espírito Santo.

3.5-Mercados

A Usiminas é uma empresa que prioriza o atendimento ao mercado interno principalmente na demanda de laminados planos e produtos beneficiados para vários setores, especialmente para o setores automobilístico, auto peças, tubos de pequeno e grande diâmetro, construção civil e equipamentos eletro eletrônicos, que juntos formam 79% das vendas ao mercado interno. Por outro lado a usiminas procura manter uma posição no mercado internacional, buscando a manutenção de um equilíbrio com suas importações de insumos básicos e com o pagamento do serviço da dívida e ainda mantendo o seu “*market share*” já conquistado.

3.5.1-Mercado interno

A Usiminas tem uma forte participação na demanda nacional de laminados planos dos setores automobilístico, auto peças, maquinas agrícolas e rodoviárias, equipamentos eletro eletrônicos e tubos de grande diâmetro. A expressiva presença da Usiminas em tais

setores está relacionada ao fato de a Usiminas priorizar produtos de maior valor agregado e rentabilidade. As vendas no mercado interno são geralmente devidas entre 28 e 30 dias após o pedido.

Laminados Planos Revestidos e Não Revestidos

Participação/Ano	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Part. Usiminas	35,8	36,9	36,6	33,8	35,3	37,4	37,4

Fonte: IBS

Unid: %

Ao longo da década de 90 a participação da Usiminas no mercado interno de laminados planos se manteve perto de 1/3.

Em 1999 o mercado de laminados sofreu com o desaquecimento da economia brasileira em consequência da desvalorização cambial apresentando, então, uma retração. Destaca-se nesta retração o setor de auto peças, tubos de pequeno diâmetro e perfis. Por outro lado cresceram os setores de relaminação, construção civil e eletro-eletrônico. Nesse ano os principais clientes da Usiminas no mercado interno foram a Confab, Fiat, Fasal, Rio Negro, Comercial Gerdau, Benafer, Meritor, GM, Volks e Usiminas Mecânica.

No ano seguinte a Usiminas foi a principal fornecedora de laminados planos para o mercado interno. Nesse ano o mercado de produtos planos teve ótimo desempenho devido à retomada do crescimento da economia brasileira consolidado no segundo semestre de 1999. No segmento de laminados a quente destaque para o setor de construção civil e no de laminados a frio destaque para o setor automotivo que com a retomada do crescimento industrial e redução dos juros iniciou uma recuperação depois de dois anos de retração.

Em 2001 o mercado de produtos siderúrgicos sofreu as consequências de diversas crises que prejudicaram tanto a economia mundial quanto à brasileira, pois, além das crises de energia, da Argentina e cambial ainda tivemos os atentados terroristas nos EUA em 11 de setembro de 2001 reduzindo o desempenho no segundo semestre. Em 2001 a demanda por laminados a quente se encolheu de maneira geral como uma consequência direta de

uma retração do setor de distribuição, responsável por grande parte da demanda por laminados a quente. Já os setores de auto peças, agrícola, equipamentos industriais, construção civil e tubos de grande diâmetro apresentaram crescimento. Seguindo a direção dos laminados a quente o mercado de laminados a frio também se retraiu neste mesmo ano principalmente em decorrência de uma migração de demanda para os produtos galvanizados por parte dos setores automotivo e da linha branca. Ainda assim em 2001 a Usiminas chegou a ter participação máxima desde 1994 no mercado interno com 37,4%

Em 2002 a economia brasileira passou por uma instabilidade com consequência direta na demanda nacional de laminados planos. O ano começou ainda sofrendo os efeitos dos atentados terroristas à Nova York em setembro de 2001, da crise na Argentina e renúncia de Fernando De La Rúa e com os problemas causados pelo racionamento de energia elétrica. Outro fator externo que prejudicou o setor e casou instabilidade foi a descoberta de balanços fraudulentos de grandes empresas americanas com ações cotadas em bolsa fazendo aumentar a aversão ao risco. No âmbito interno a grande chance de vitória do candidato Lula fez aumentar o risco Brasil (que mede a confiança dos estrangeiros na capacidade de o país pagar suas dívidas) e reduzir o fluxo de capitais para o Brasil. Se o risco-Brasil estiver em 1500 pontos, por exemplo, quer dizer que o Brasil remunera os seus papéis a uma taxa de 15 % acima daquela dos títulos americanos. A consequência direta foi a desvalorização do Real com o dólar chegando a cotar quase R\$ 4,00 em setembro, fechando o ano a R\$ 3,54. Essa alta do dólar pressionou as taxas de inflação (IPCA = 12,53 %) que ficou além das metas estabelecidas junto ao FMI e fez o Banco Central aumentar a taxa básica de juros da economia (Selic) para 25% ao ano. Esses fatos geraram turbulência e um ambiente não muito favorável às atividades econômicas. Com isso a demanda interna de laminados planos que tinha projeção de crescimento acabou se contraindo em 0,9% em 2002. Nesse ano a Usiminas teve destaque como a principal fornecedora de laminados planos para o mercado nacional, com 37,4 % da demanda.

Participação nos principais setores consumidores - Usiminas

Setor/Ano	1998	1999	2000	2001	2002
Tubos Grande Diâmetro	81,5	85,2	88,2	89,1	80,8

Tratores/agrícola/rodoviário	72,0	77,9	84,9	69,0	63,9
Automobilístico	63,4	63,7	56,3	55,8	53,4
Auto peças	52,0	58,0	51,4	57,1	64,0
Eletro-Eletronico	51,6	46,6	52,3	51,1	43,9
Utilidades Domesticas	38,5	35,0	36,2	35,8	31,7
Construção civil	33,0	25,0	24,0	32,0	37,8
Distribuidores	28,0	27,0	30,0	28,5	26,3
Tubos de pequeno diâmetro	26,0	26,0	32,0	31,3	35,7
embalagens	9,0	8,0	9,0	7,5	8,0

Fonte: IBS

Unid: %

Distribuição Setorial das vendas da Usiminas

Mercados	1998	1999	2000	2001	2002
Distribuidores	20,6	26,9	26,7	22,4	21,4
Automobilístico	13,8	9,7	12,4	12,9	12,6
Auto peças e Acessórios	13,7	14,4	12,9	14,6	15,8
Tubos de grande Diâmetro	13,6	6,7	6,4	10,7	11,4
Eletro-eletronico	4,0	4,4	5,4	5,1	4,3
Útil. Domésticas	5,0	4,6	3,6	3,0	2,5
Embalagens e recipientes	3,6	3,6	2,9	1,8	1,8
Construção civil	5,7	6,1	6,6	8,4	9,9
Tubos de pequeno diâmetro	6,4	6,9	7,3	7,7	7,5
Relaminação	3,0	4,8	3,7	3,3	2,4
Outros	10,6	11,9	12,1	10,1	10,4
TOTAL	100	100	100	100	100

Fonte: IBS

unid: %

3.5.2-Mercado Externo

A Usiminas utiliza “canais de exportação” que consiste em uma ou mais “tradings”.

Ao longo da década de 90 a Usiminas priorizou o mercado interno e os anos de 1997 e 1998 foram os anos em que a empresa menos exportou.

Em 1999 o aumento nas exportações de produtos laminados compensou a retração do mercado interno. No ano seguinte as vendas de laminados e produtos beneficiados para o mercado externo se reduziram em função da ótima performance do mercado interno. Em 2000 EUA, Argentina, Colômbia, Chile, México e Canadá representavam 70 % das vendas da empresa para o exterior.

Em 2001 houve um crescimento de 38,1 % sobre o volume exportado pela empresa com relação ao ano anterior e isto se deu devido ao grande volume de placas comercializado para o exterior. Coréia, EUA, Argentina, Colômbia, México e Chile somavam 80 % das vendas da empresa.

Principais mercados de exportação da Usiminas nos últimos anos

País	1999	2000	2001	2002
EUA	38,9	23,2	23,6	25,1
Argentina	15,8	11,3	11,3	6,4
Venezuela	4,3	5,1	2,9	-
Chile	3,6	9,3	5,2	-
Coréia	1,0	2,2	24,4	25,1
México	2,8	8,4	7,1	6,4
Colômbia	2,3	9,0	7,5	4,4
Japão	2,9	4,3	-	-
Outros	28,4	27,2	18	32,6
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBS

unid: %

Em 2002 a Usiminas se preocupou com a diversificação de nichos e produtos se focando principalmente em dois países: EUA e Argentina. Podemos ver pela tabela acima que mesmo após as limitações da Seção 201 as vendas do Sistema Usiminas para este país não foram afetadas.

Seção 201:

A recente decisão dos EUA impondo uma salvaguarda aos aços laminados planos dificultará o acesso ao mercado americano que já é dificultado devido a processos *antidumping* e anti-subsídios envolvendo chapas grossas, laminados a quente e a frio. A decisão final da Seção 201 engloba também a importação de galvanizados e folhas para embalagem. Solução proposta: tarifas de 30 % no 1º ano, 24 % no 2º ano e 18 % no 3º ano.

Com relação às placas, tendo em vista que o EUA é o nosso maior cliente e isso implica em possibilidade de crescimento das exportações, a solução proposta é: cota de 4,9 milhões de toneladas métricas no 1º ano, 5,35 milhões no 2º ano e 5,81 milhões no 3º ano, tendo o Brasil o direito a 52 % da cota. E o que exceder a cota implica em tarifas iguais às dos laminados planos.

Comercialização de Laminados e produtos beneficiados – Usiminas (%)

Discriminação	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Mercado Interno						
Toneladas (Mil)	3.052,7 - 84	2.733,3 - 83	2.524,4 - 76	3.089,3 - 84	3.269,5 - 80	3.283,1 - 78
Rec. Líquida (R\$Milhões)	1.576,6 - 87	1.485,0 - 84	1.474,3 - 78	2.021,6 - 84	2.448,4 - 83	2.984,1 - 80
Mercado Externo						
Toneladas (Mil)	543,7 - 16	556,4 - 17	771,3 - 24	603,4 - 16	833,3 - 20	899,1 - 22
Rec.Líquida (R\$Milhões)	230,0 - 13	256,2 - 16	407,4 - 22	372,9 - 16	494,0 - 17	730,0 - 20
TOTAL						
Toneladas (Mil)	3.626,4	3.289,7	3.295,7	3.692,7	4.102,8	4.182,2
Rec.Líquida (R\$Milhões)	1.806,5	1.741,3	1.881,7	2.394,5	2.942,4	3.714,1

Fonte: IBS

unid: %

3.6-Resultados da Privatização da Usiminas

A empresa foi um exemplo de uma privatização de sucesso. A Usiminas passou a não sofrer mais com os problemas burocráticos que envolviam as empresas estatais e acabavam gerando atraso em decisões a serem tomadas. Com isso obteve ganhos em rapidez e agilidade comercial. A empresa teve sua estrutura reorganizada e reduzida em 48 % com extinção de cargos de chefia. Os investimentos realizados em 1994 foram 20 % maiores do que em 1993. A produtividade saltou de 360 ton/homem/ano para 420 e sua ação preferencial que valia US\$ 0,21 em outubro de 1991 era negociada por US\$ 1,06 três anos depois. A empresa passou a utilizar o sistema “*just in time*” de controle de estoques e a fazer parcerias com alguns fornecedores, além de ter maior autonomia financeira. Os empregados também tiveram ganhos reais de salários de 15 % nos dois primeiros anos de privatização. O endividamento foi reduzido após a privatização e contratou-se a *Booz Allen Hamilton* para realizar uma consultoria para orientar a empresa em aspectos como o relacionamento com os acionistas e a diversificação de sua produção. A partir dos resultados conquistados pela Usiminas com a privatização a empresa pode ser vista como um exemplo de modernização da economia brasileira.

3.7-O Mercado de Laminados Planos

O segmento dos Laminados planos é o segmento que representa aproximadamente 57 % da produção mundial de laminados e juntamente com os semi-acabados somam 50% do total de aço exportado internacionalmente.

No período 1992/00 a demanda nacional por produtos planos cresceu fortemente tendo o consumo aparente evoluído a uma taxa anual média de 8,1% a.a juntamente com a evolução da produção que superou a de aços longos e teve uma taxa média de crescimento de 2,5 % a.a. A grande parte da produção brasileira de aços planos tem como destino o mercado interno e uma menor fração se direciona ao mercado externo.

Com relação à produção os aços planos são produzidos por usinas integradas e em larga escala nos altos fornos. Os avanços tecnológicos permitiram melhorias nos insumos e na laminação (lingotamento de placas finas) e possibilitou a entrada das usinas semi-integradas no mercado, especialmente as *mini-mills*. Os laminados planos se destinam aos seguintes setores: automobilístico, auto peças, construção civil, embalagens, tubos com costura, utilidades domésticas e comerciais, mecânico e eletro-eletrônico. Na década de 90 os laminados a quente e a frio foram os mais demandados com evoluções de 8,7 % a.a. e 5,1 % a.a respectivamente. Destaque para os aços galvanizados que tiveram um crescimento de 22 % a.a em média no período.

Consumo Aparente de Laminados Planos

Produto	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Chapas grossas	606	627	984	922	869	1.234	1.120	893	1.170	-
Lam. Quente	1.679	2.038	2.429	2.366	2.530	3.002	2.849	2.727	3.259	-
Lam. Frio	1.612	2.095	2.223	2.280	2.415	2.597	2.112	2.162	2.403	-
Galvanizados	258	328	437	617	790	1.030	973	1.040	1.273	-
Outros	776	880	921	1.025	1.060	1.139	1.130	1.058	1.058	-
TOTAL	4.931	5.968	6.994	7.210	7.664	9.002	8.184	7.880	9.163	9.710

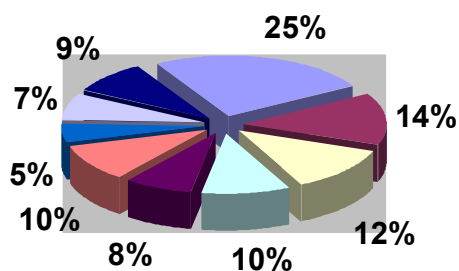
Fonte: IBS/MF-SRF

unid:10000 ton.

O consumo de laminados planos é relativamente equilibrado entre os setores da economia nacional, porém, a indústria automobilística se destacou em 2000 com 25 % do consumo. Com relação ao ano de 1999 todos os setores mostraram crescimento em 2000, pois, em 1998 e 1999 a economia brasileira estava desaquecida.

A produção de laminados planos está praticamente distribuída em três principais usinas integradas. São elas: CSN, Usiminas e Cosipa. Mas como a Cosipa é controlada pela Usiminas podemos considerar dois grandes grupos. Pelo lado dos laminados planos especiais a produção é totalmente controlada pela Acesita, que pertence ao grupo Usinor. É interessante observar que em fevereiro de 2001 tivemos a criação da NewCo reunindo Usinor, Arbed e Acerália e se tornando o maior grupo siderúrgico do mundo.

CONSUMIDORES DE LAMINADOS PLANOS(2000)



Fonte: IBS

A produção de laminados planos ao longo da década de 90 vem se distribuindo da seguinte maneira quanto ao tipo de produto:

Produção Brasileira de Laminados Planos por Produto

Produto	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Chapas grossas	1.869	1.862	2.062	2.053	2.066	2.117	1.800	1.396	1.561	-
Lam. Quente	4.256	4.005	3.918	3.507	3.841	3.947	3.787	3.664	4.182	-
Lam.frio	2.349	2.464	2.716	2.820	2.816	2.724	2.364	2.552	2.844	-
Galvanizados	398	492	656	878	958	1.086	1.063	1.074	1.143	-
Outros	1.191	1.193	1.301	1.367	1.341	1.393	1.372	1.435	1.483	-
Prod.Total	10.063	10.016	10.653	10.625	11.022	11.267	10.386	10.121	11.213	10.648
Placas	3.581	4.101	4.035	4.547	4.328	4.483	4.957	5.423	5.583	-

Fonte: IBS

unid: 1000 ton

Pela tabela também podemos perceber um desaquescimento da economia nos anos de 1998 e 1999 quando a produção de laminados planos ficou abaixo do nível médio de produção dos anos após o plano Real. A produção de laminados a frio mesmo com a queda de produção nesses anos conseguiu se recuperar e acumulou um crescimento médio de 2,4 % a.a. desde 1992 até 2000 enquanto que os galvanizados com trajetória mais constante cresceram 14,1 % para o mesmo período.

Na década de 90 as exportações de produtos laminados planos sofreram uma queda em geral. Ações protecionistas e *anti-dumping* no comércio internacional do aço favoreceram uma redução do volume exportado de laminados planos e ao mesmo tempo estimularam a exportação de produtos com menor valor agregado. Destaque para os laminados a quente que tiveram queda em média de 12,3 % a.a desde 1992 até 2000. As placas tiveram em 2000 seu volume exportado reduzido em função de uma preocupação com o abastecimento interno, pois, no ano seguinte alguns fornos tiveram suas atividades interrompidas. Com uma receita total de US\$ 2,8 bilhões das exportações do setor nacional em 2000 os laminados planos foram responsáveis por 29,7 % desse valor e os longos e semi-acabados por 20,9 % e 49,4 % respectivamente.

Exportação de Laminados Planos por Produto

Produto	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Chapas grossas	1.127	1.115	1.006	975	969	675	473	410	219	-
Lam.quente	2.389	2.278	1.637	985	1.271	1.204	1.026	954	835	-
Lam.frio	665	397	568	454	521	211	298	481	447	-
Galvanizados	91	141	195	237	176	20	96	75	36	-
Outros	327	348	418	401	447	395	524	497	570	-
Total Laminados	4.599	4.279	3.824	3.052	3.384	2.505	2.417	2.417	2.107	1.494
Placas	3.468	4.004	3.802	3.815	4.365	4.172	4.276	4.974	3.816	-
Total Prod Laminados	8.067	8.283	7.626	6.867	7.749	6.677	6.697	7.391	5.923	-

Fonte: IBS

unid: 1000 ton.

3.8-Perspectivas para o Mercado de Aço

No período de 1994 a 2000 os produtores nacionais de aço investiram aproximadamente US\$ 10 bilhões objetivando modernizar o setor em diversos aspectos como tecnológicos, ambientais, de redução de custos e enobrecimento do mix produzido.

Atualmente o setor siderúrgico passa por um novo ciclo de inovações, porém, os investimentos estão mais voltados para uma expansão da capacidade produtiva instalada. O volume total planejado chega perto de US\$ 6,6 bilhões para o período de 2001/07. São muitas as empresas no segmento de laminados planos buscando expansão de produção. Alguns dos projetos e suas respectivas empresas são:

Modernização da Usina_____Usiminas

Novo lingotamento contínuo de placas

/controle ambiental/ Modernização da usina _____ Cosipa e CSN

Duplicação da capacidade de inoxidável_____Acesita

Instalação de laminação a frio_____Vega do Sul*

*controlada pela USINOR

De acordo com investimentos destinados para aumentar a capacidade produtiva de aço bruto no período 2000/06 o segmento dos aços planos deve ficar com o maior volume. As projeções da capacidade de aço bruto da siderurgia brasileira para os próximos anos seriam:

Capacidade de Aço Bruto da Siderurgia Brasileira

Produtos	2000	2006	Acréscimo	% cresc. 00/06
Planos	13,0	16,7	+3,7	28,5
Longos	9,0	11,15	+2,5	27,8
Semi-acabados	7,4	9,6	+2,2	28,6
TOTAL	29,4	37,8	+8,4	29,7

Fonte: BNDES

unid: milhões de t

As projeções futuras para o segmento de laminados planos são boas e envolvem uma expansão do consumo aparente doméstico e conseqüentemente um aumento da produção. Os laminados a quente serão os grandes beneficiados e empresas como a CST e Cosipa vão procurar ocupar os espaços deixados por empresas que migraram para a produção de produtos enobrecidos, principalmente os galvanizados. Lembrando que a CST é controlada pela NewCo e produz semi-acabados, portanto, será uma nova empresa no segmento de laminados.

Quanto ao cenário mundial a siderurgia vem sofrendo com práticas protecionistas, queda nos preços internacionais e super oferta de aço. Ações *anti-dumping* sobre os laminados planos vem fazendo com que alguns produtores passem a focar a exportação de semi-acabados, que também está ameaçada pela **Seção 201** da Lei do comércio americano. A capacidade produtiva da siderurgia brasileira a torna imune a essas restrições, porém, medidas mais rigorosas poderão com certeza afetar a indústria nacional e seu desempenho no comércio internacional.

Consumo Aparente de Laminados Planos

	2003*	2004*	2005*	2006*	2007*
Produção	12.600	13.230	14.025	14.730	15.463
Exportação*	2.250	2.350	2.350	2.350	2.250
Importação*	456	356	256	256	256
Vendas Int.	9.921	10.694	11.514	12.279	13.094
Cons.Aparente	10.377	11.050	11.770	12.535	13.350

Fonte: IBS; BNDES

*estimativa BNDES

O cenário nacional se mostrou otimista para o setor siderúrgico em 2002 e esperava-se que a demanda interna se recuperasse depois de sofrer com a crise de energia que retraiu a atividade industrial. Em 2001 a capacidade produtiva do setor também foi afetada pela reforma dos alto-fornos de três grandes produtoras do setor. Porém, em 2002 só no primeiro semestre as vendas internas de produtos siderúrgicos haviam caído 4,7 % e as importações

apresentaram redução de 27,4 %. O consumo aparente recuou em 5,7 % e somente chapas grossas, laminados a quente, chapas galvanizadas e aços especiais tiveram crescimento. Já as exportações cresceram em 9,2 % no mesmo período. O fraco desempenho do setor automobilístico fez com que os galvanizados fossem redirecionados para o mercado externo, principalmente para os EUA. O aumento da demanda do sudeste asiático gerou elevação nos preços dos produtos siderúrgicos e com a desvalorização do Real frente ao dólar o atrativo pelos produtos brasileiros foi ainda maior. A siderurgia em 2002 voltou-se mais para o mercado externo do que para o atendimento ao mercado doméstico.

Em 2003 o governo Lula vem se mostrando preocupado em manter as taxas de inflação em níveis baixos e com isso está adiando um possível corte na taxa de juros básica da economia (Selic), hoje em 26,5 %. A expectativa agora gira em torno da próxima reunião do Copom (Comitê de política monetária) neste mês de Junho. Isso terá reflexos na atividade industrial do primeiro semestre e a preocupação passa a ser com uma estagnação da economia brasileira. O Brasil ainda espera pelas reformas tributária e da previdência para que consiga enfim chegar a um crescimento auto sustentável. No último mês de Abril os juros altos e a queda na renda do consumidor levaram a uma forte contração da demanda por consumo interno fazendo a indústria brasileira registrar seu pior desempenho desde dezembro de 2001. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a produção industrial caiu 4,2 % em Abril se comparado ao mesmo mês do ano passado e praticamente se estagnou se comparando com o mês anterior. Isso refletiu uma queda nos setores voltados para o mercado interno e uma não compensação por parte dos setores exportadores. O segmento mais sensível aos juros altos, o de bens de consumo duráveis, teve retração de 13,6 % com relação a Abril de 2002 e com isso a produção de automóveis caiu 18,2 %, a de eletrodomésticos, 14,9 % e a mobiliária 20 %. Isso prejudicou diretamente a venda de laminados planos ao mercado interno já que um dos seus setores consumidores é o automobilístico. Quanto às exportações o cenário andou favorável. A balança comercial brasileira registrou um superávit recorde para os primeiros cinco meses do ano, vendendo mais minério de ferro, carne de frango, bovina e suína, semimanufaturados de ferro e aço e motores para veículos. Para o segundo semestre, no entanto, a taxa de câmbio deverá favorecer as importações e conseqüentemente esse saldo

da balança comercial se ajustará para baixo. Essa estagnação já fez a previsão do PIB para 2003 ficar em 1,85 % de alta, abaixo do esperado 1,90 %. Visto que o setor siderúrgico anda em correlação com a atividade industrial um desaquecimento da economia pode prejudicar o setor caso não haja compensação nas vendas externas e isso poderá ocorrer se os juros se mantiverem altos tornando baixo o poder de consumo dos brasileiros retraindo assim a demanda interna por consumo.

Conclusão

O setor siderúrgico tanto a nível mundial quanto a nível nacional evoluiu consideravelmente durante a década de 90. O setor que foi durante algum tempo controlado pelo Estado passou para as mãos da iniciativa privada. No Brasil essa tendência não foi diferente e os grandes investimentos feitos pela iniciativa privada no setor possibilitaram uma grande reestruturação que teve início com a privatização. Essas mudanças tiraram a indústria nacional de uma defasagem tecnológica e colocou o Brasil em níveis internacionais de competitividade e produtividade.

A Usiminas foi um exemplo de privatização com muito sucesso tornando a empresa competitiva e com uma visão mais ampla no sentido de formação de parcerias com clientes e do uso de estratégias comerciais mais agressivas. A reestruturação também possibilitou investimentos em pesquisa e em tecnologia com o objetivo de aumentar a sua produtividade e reduzir custos. A empresa melhorou muito o seu *mix* de produtos no atendimento principalmente do mercado interno de laminados planos.

O setor siderúrgico é um setor que tem grande correlação com a atividade econômica e com isso sofre diante de dificuldades conjunturais tanto a nível nacional quanto a nível internacional. Se por um lado a desvalorização cambial favorece o desempenho das exportações, por outro aumenta o custo dos insumos importados(principalmente o minério de ferro) e o endividamento em moeda americana das empresas. As crises da Rússia, Ásia, Argentina e os impactos internacionais dos atentados terroristas em setembro de 2001 prejudicaram de uma forma geral a atividade do setor. Internamente a crise energética também teve efeitos negativos sobre o setor. Seguindo os planos das empresas os novos investimentos deverão ser direcionados no sentido de ampliar a oferta de produtos ao mercado interno e em menor proporção incrementar as exportações. O segmento dos laminados planos tem grande correlação com o consumo de bens duráveis e o consumo destes é muito sensível às taxas de juros. Hoje o governo está muito preocupado com o nível da inflação e por isso manteve os juros básico da economia(Selic) em 26,5 % a.a. na ultima reunião do Copom. Isso refletiu diretamente no poder de consumo

e na atividade industrial como um todo, retraindo a demanda por bens duráveis. Espera-se no segundo semestre que os juros diminuam e a economia possa retomar seu ritmo de crescimento e com isso o setor siderúrgico apresentaria um crescimento em seu consumo aparente melhorando assim as vendas ao mercado interno. Nessa segunda semana do mês de Junho parece que a confiança dos investidores com relação ao Brasil cresceu, fazendo o risco-Brasil romper a barreira dos 700 pontos e chegar a níveis de 16 de setembro de 2001 ao mesmo tempo em que o C-Bond (principal título da dívida brasileira negociado no exterior) chegou a um novo recorde histórico de 92,88 % do seu valor de face. As projeções são de que o risco-Brasil chegue ao patamar dos 400 pontos no final do ano e de que a economia cresça pouco mais de 2 %. O governo também anunciou na terceira segunda-feira deste mês algumas medidas que podem ajudar as áreas de infra-estrutura, comércio exterior e política industrial. Criariam-se metas de exportações para setores como o de aço, soja e eletrônicos e seriam destinados subsídios para as empresas em troca de resultados no mercado externo e interno. O setor siderúrgico ficou satisfeito com essas medidas de incentivo e de crédito subsidiado. Segundo o diretor do IBS (Instituto Brasileiro de Siderurgia) o financiamento será importante, pois, o setor está trabalhando no limite, com escassez de recursos do BNDES e cautela de empréstimos do exterior. Podemos, então, esperar um bom desempenho para o setor siderúrgico brasileiro para os próximos anos caso se configure realmente esses incentivos quanto ao mercado externo e condições internas favoráveis com relação ao crédito e ao poder de consumo.

Bibliografia

1. ANDRADE, Maria Lúcia Amarante de, CUNHA, Luiz Mauricio da Silva, GANDRA, Guilherme Tavares. Siderurgia Brasileira: Desempenho em 2000 e Perspectivas para 2001. Informe Setorial, BNDES, Rio de Janeiro, n.43, Fev.2001.
2. ANDRADE, Maria Lúcia Amarante de, CUNHA, Luiz Mauricio da Silva, GANDRA, Guilherme Tavares. Aço no Brasil: Desempenho em 1999 e Perspectivas para 2000. Informe Setorial, BNDES, Rio de Janeiro, n.31, Jan.2000.
3. ANDRADE, Maria Lúcia Amarante de, CUNHA, Luiz Mauricio da Silva, VIEIRA, José Ricardo Martins, KELLER, Maria da Conceição. Setor Siderúrgico no Brasil e no Mundo. Relato Setorial, BNDES, Rio de Janeiro, n.7, p.1-24, Jun.1997.
4. ANDRADE, Maria Lúcia Amarante de, CUNHA, Luiz Mauricio da Silva, VIEIRA, José Ricardo Martins. Reestruturação da Siderurgia. Informe Setorial, BNDES, Rio de Janeiro, n.13, Jan 1998.
5. ANDRADE, Maria Lúcia Amarante de, CUNHA, Luiz Mauricio da Silva. Siderurgia Brasileira - O Mercado de Laminados Planos. Informe Setorial, BNDES, Rio de Janeiro, n.2, Out 2001.
6. ANDRADE, Maria Lúcia Amarante de, CUNHA, Luiz Mauricio da Silva, GANDRA, Guilherme Tavares. Impactos da Privatização no Setor Siderúrgico. Relato Setorial, BNDES, Rio de Janeiro, p.1-12, Jan.2001.
7. ANDRADE, Maria Lúcia Amarante de, CUNHA, Luiz Mauricio da Silva, GANDRA, Guilherme Tavares. Rentabilidade da Empresas Siderúrgicas no Brasil. Relato Setorial, BNDES, Rio de Janeiro, n21, Nov.1998.
8. ANDRADE, Maria Lúcia Amarante de, CUNHA, Luiz Mauricio da Silva, VIEIRA, José Ricardo Martins. Impacto da Crise Asiática no Mercado de Aço. Informe Setorial, BNDES, Rio de Janeiro, n.19, Jan 1998.

9. FILHO, José Antonio Paiva. Siderurgia: Relatório de Acompanhamento Setorial. Lopes Filho & Associados, Consultores de Investimento. Mar. 2002
10. DE PAULA, Germano Mendes. Competitividade da Indústria Siderúrgica. Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira, Campinas, 1993.
11. Brazil: Privatization. Special Studies – Privatization Currencies. ADIMA, Jun. 1995.
12. MATARAZZO, Dante C. – Análise Financeira de Balanços: Abordagem Básica e Gerencial: Como Avaliar Empresas; Análise de Gestão de Caixa; Análise de Gestão de Lucro; Desempenho da Diretoria – 3ª Edição – Ed. Atlas.
13. Anuário Estatístico – Instituto Brasileiro de Siderurgia (1995 – 2000 – 2002).
14. ANDRADE, Maria Lúcia Amarante de, CUNHA, Luiz Mauricio da Silva. Siderurgia no Brasil: Produzir mais para exportar. Relato Setorial, BNDES, Rio de Janeiro, n.5, Set.2002
15. ANDRADE, Maria Lúcia Amarante de, CUNHA, Luiz Mauricio da Silva, GANDRA, Guilherme Tavares. Siderurgia: Desempenho e Perspectiva. Relato Setorial, BNDES, Rio de Janeiro, n20, Out.1998
16. ANDRADE, Maria Lúcia Amarante de, CUNHA, Luiz Mauricio da Silva, GANDRA, Guilherme Tavares. Reestruturação na Siderurgia Brasileira, BNDES, Rio de Janeiro, Relato Setorial, p.1-37, 1998.
17. ANDRADE, Maria Lúcia Amarante de, CUNHA, Luiz Mauricio da Silva. Desempenho Recente do Setor Siderúrgico. Relato Setorial, BNDES, Rio de Janeiro, n.7, Abril, 1996.
18. ANDRADE, Maria Lúcia Amarante de, CUNHA, Luiz Mauricio da Silva. Globalização na Siderurgia. Relato Setorial, BNDES, Rio de Janeiro, n.9, Nov, 1996.
19. Edital de Alienação de Ações do Capital da Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S.A. – PND -/ 91, BNDES, Rio de Janeiro, 1991.
20. O Globo. “Balança tem saldo histórico” – Rio, 3/6/2003.

21. O Globo. “Indústria brasileira desaba” – Rio, 10/6/2003.
22. O Globo. “Um crescimento além dos juros” – Brasília, 17/6/2003.
23. BNDES. Processos de Privatização conduzidos pela BNDESPAR. Rio de Janeiro, 1990.
24. Diário do Comércio. “Produção Nacional de aço” - Minas Gerais, 8/4/1992.
25. Relatório Anual da Usiminas – 1997/1998/1999/2000/2001/2002

